

Ano novo, capitalismo novo?

O Manifesto Davos 2020 e as várias recentes iniciativas para implementar um novo propósito para as empresas na Quarta Revolução Industrial

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do CADE.

Recente estudo da empresa de consultoria Edelman mostra uma espécie de insatisfação geral das pessoas em relação ao capitalismo. Segundo a pesquisa, para 56% dos entrevistados em 28 países, o sistema está fazendo mais mal do que bem para a sociedade¹. Dentre as razões para isso, o principal problema é a sensação de injustiça, que foi citado por 74% dos entrevistados.

Esse tipo de constatação, longe de ser algo propriamente novo, é mais um fator que ajuda a compreender o fortalecimento do movimento que procura ampliar os objetivos das empresas e dos negócios, a fim de dar uma resposta aos *stakeholders* e à insatisfação generalizada contra o atual modelo econômico. Daí a importância da iniciativa tomada no ano passado pela *Business Roundtable*, o que deu margem a uma série de artigos sobre o assunto².

Em clara demonstração da importância e da atualidade da reflexão, esta também foi o eixo condutor do Fórum Econômico Mundial de janeiro deste ano, a partir do Manifesto Davos 2020 sobre os propósitos das empresas na Quarta Revolução Industrial³.

O Manifesto permeou um encontro que foi marcado por questões ambientais - 51 painéis sobre ecologia, desenvolvimento sustentável e mudanças climáticas contra 50 de geopolítica e 27 de discussões específicas de economia –

¹ <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/13/56percent-acham-que-capitalismo-faz-mais-mal-do-que-bem-aponta-estudo.ghtml>.

² Ver série de artigos de Ana Frazão sobre A liberdade econômica e os propósitos da atividade empresarial. O que muda com a recente redefinição do Business Roundtable. Parte I, II e III. [Jota](#).

³ <https://www.weforum.org/agenda/2019/12/davos-manifesto-2020-the-universal-purpose-of-a-company-in-the-fourth-industrial-revolution>

e por iniciativas em defesa do meio ambiente, como o plantio de um trilhão de árvores até 2030.

De acordo com o Manifesto Davos 2020, o objetivo das empresas não é apenas gerar lucros para os acionistas, mas também gerar resultados para todas as partes interessadas: funcionários, clientes, fornecedores, comunidades locais e sociedade em geral. Para harmonizar todos os interesses divergentes dos distintos *stakeholders* ou partes interessadas, entende o Manifesto que o melhor meio é o compromisso compartilhado com políticas e decisões que fortaleçam a prosperidade a longo prazo de uma empresa.

Além de colocar em xeque o paradigma de gestão atualmente ainda em voga – que mescla a *shareholder value theory* (priorização da maximização do valor do acionista) com o *short-termism* (priorização dos retornos a curto prazo) -, o Manifesto reforça o compromisso das empresas com (i) o atendimento dos padrões éticos e legais, especialmente no que diz respeito à práticas justas de mercado, com especial atenção à legislação anticorrupção e concorrencial, (ii) o tratamento dos seus funcionários com dignidade e respeito, o que implica honrar a diversidade e buscar melhorias contínuas nas condições de trabalho, no bem estar dos trabalhadores e na capacitação contínua, (iii) o respeito aos direitos humanos e ao meio ambiente, (iv) a compreensão da inovação e tecnologia como instrumentos para o bem estar das pessoas (v) o atendimento à sociedade e o apoio às comunidades, (vi) o pagamento da parcela justa de impostos, (vii) o uso seguro, ético e eficiente de dados pessoais e (viii) no caso das multinacionais, o compromisso mais amplo com o mundo e com o futuro global.

É claro que, apesar da ampliação do escopo das empresas, os interesses dos acionistas não foram esquecidos. Uma das preocupações do Manifesto é que a empresa ofereça retorno sobre os investimentos, desde que considerem os riscos e a necessidade de inovação contínua, bem como que os dividendos sejam pensados a partir do gerenciamento da criação de valor a curto, médio e longo prazos, de forma a possibilitar retornos sustentáveis para os acionistas que não sacrifiquem o futuro da atividade empresarial.

Dessa maneira, há um convite para que o desempenho das empresas seja medido e avaliado não apenas com base no retorno aos acionistas, mas também com base no atendimento de objetivos ambientais, sociais e de

governança. Conseqüentemente, propõe-se que a remuneração dos executivos reflita igualmente a responsabilidade destes em relação aos *stakeholders*.

Não é sem razão que os meios de imprensa deram muito destaque ao novo capitalismo que foi proposto durante o evento. Na reportagem “*Davos verde*” *debate reforma do capitalismo*⁴, o Valor Econômico destacou a entrevista de Klaus Schwab, segundo o qual estão ultrapassadas tanto a fase do capitalismo de acionistas como a do capitalismo de estado, sendo agora o momento de se falar de capitalismo das partes interessadas (*stakeholders capitalism*), diante da insustentabilidade do atual modelo.

O Fórum Econômico Mundial também foi importante espaço para tratar de temas relacionados à desigualdade e à crescente deterioração das condições dos trabalhadores. Com efeito, pouco antes da abertura do Fórum, foi lançado relatório da Oxfam que mostra que 2.153 indivíduos no mundo com patrimônio superior a um bilhão de dólares têm mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas, o que equivale a 60% da população mundial, assim como que os 22 homens mais ricos do mundo detêm mais riqueza do que todas as mulheres da África⁵. É importante ressaltar que os dados apresentados mostraram também como a discriminação de gênero alimenta a desigualdade.

Outro tema relacionado à desigualdade foi a mobilidade social, aspecto em que os melhores países avaliados são europeus (Dinamarca, Noruega, Finlândia, Suécia, Islândia, Holanda, Suíça, Áustria, Bélgica e Luxemburgo), sendo que o Brasil se encontra no 60º lugar dentre as 82 nações. Em sentido semelhante, discutiu-se igualmente o achatamento da remuneração dos trabalhadores, com base em estudos da OIT.

Como se vê, os resultados do 50º Fórum Econômico Mundial reforçam compromissos assumidos por iniciativas anteriores, como é o caso da *Business Roundtable*. Na atualidade, questões ambientais, sociais, de governança e gestão de dados (traduzidas na sigla em inglês ESG ou, para incluir os dados, ESG&D) começam a ganhar evidência, em clara ameaça aos paradigmas do *shareholder value* e do *short termism*.

⁴ <https://valor.globo.com/impreso/noticia/2020/01/20/davos-verde-debate-reforma-do-capitalismo.ghtml>

⁵ <https://www.oxfam.org/en/press-releases/worlds-billionaires-have-more-wealth-46-billion-people>

Todavia, não obstante a importância das discussões, surge a questão de saber como colocar tudo isso em prática. Por essa razão, o próprio Manifesto 2020 já aponta algumas soluções, como a necessidade de que o desempenho das empresas seja avaliado por indicadores sociais e que a remuneração dos administradores também dependa da responsabilidade nessas searas.

Soma-se a isso uma série de outras iniciativas tomadas no Fórum, como carta assinada pelo próprio Schwab e também pelos presidentes do Bank of America e da holandesa Royal DSM com a proposta de que as companhias participantes zerem emissões líquidas de gases de efeito estufa, assumindo o compromisso de tornarem-se “carbono neutras” até 2050.

Tal movimento é convergente com inúmeras iniciativas esparsas, mas que já vem representando, do ponto de vista global, importante tendência. Em reportagem da *The Economist* de dezembro do ano passado⁶, várias iniciativas para a implementação das questões ESG&D são citadas, tais como (i) a de Christine Lagarde, agora *Head* do Banco Central Europeu, que entende que a instituição deve usar política monetária e supervisão bancária para lutar contra as mudanças climáticas, (ii) a de Mark Carney, do Banco da Inglaterra, que propõe mais transparência das empresas na questão climática e (iii) a de Chris Hohn, *Head* do *hedge fund* TCI, que revelou planos de votar contra diretores de companhias que falharem em seu dever de revelar as emissões de carbono.

Além do estímulo a investimentos, a maior conscientização dos impactos de tais questões na gestão de riscos pode ser um grande incentivo para as empresas investirem em questões ambientais, sociais, de governança e de dados, a fim de prevenir os custos financeiros e reputacionais decorrentes, por exemplo, de desastres ambientais ou de vazamento de dados. Estudo da IBM *Cost of a Data Breach*⁷ mostra que o custo de violação de dados aumentou 12% desde 2014. Já o estudo do BIS *The green swan Central banking and financial stability in the age of climate change*⁸ mostra os riscos de crises financeiras sistêmicas que podem decorrer de eventos climáticos.

⁶ <https://www.economist.com/finance-and-economics/2019/12/07/climate-change-has-made-esg-a-force-in-investing>

⁷ <https://www.ibm.com/security/data-breach?>

⁸ <https://www.bis.org/publ/othp31.pdf>

Tudo leva a crer que tentar monetizar não apenas os benefícios diretos, mas também o que pode ser economizado com a prevenção de crises e danos nas respectivas searas pode ser uma importante alternativa para a implementação da agenda ESG&D, até para tentar obter um alinhamento entre os interesses dos acionistas e os interesses dos demais *stakeholders*.

Transparência e monitoramento também são essenciais, até para possibilitarem o controle social e viabilizarem uma concorrência saudável das empresas pelo atendimento de metas relacionadas às questões ESG&D. Recente reportagem da *The Economist*⁹ mostra como tais questões estão se tornando cada vez mais importantes no mundo do mercado de capitais e investimento, havendo hoje pelo menos três trilhões de dólares em ativos institucionais que buscam esse tipo de investimento, sendo que o percentual aumenta rapidamente.

Daí a necessidade de indicadores e escores que possam avaliar a performance das empresas e possibilitar uma comparação justa entre elas no que diz respeito a várias de suas iniciativas nas questões ESG&D, tais como emissão de carbono, percentual de *boards* que é ocupado por mulheres, dentre inúmeras outras.

O grande problema, mostrado pela reportagem, é a dificuldade de indicadores fidedignos para a referida avaliação. Dentre as dificuldades apontadas está o fato de que o investimento ESG&D abrange diversas searas não necessariamente correlacionadas, o que pode gerar uma série de contradições na métrica. Um exemplo concreto seria a Starbucks, que se orgulha da sua política de sustentabilidade ambiental¹⁰ ao mesmo tempo em que se vê envolvida com acusações de trabalho escravo¹¹. Situações como essa mostram a necessidade de se ter uma compreensão mais abrangente e coerente das empresas em relação a todas as demandas por sustentabilidade.

Acresce que, como os escores dizem respeito ao modelo de negócios e não ao negócio em si, pouco importa a atividade das empresas, desde que o façam de forma sustentável. Com isso, abre-se a possibilidade de que empresas de tabaco e álcool, por exemplo, possam perfazer tais índices.

⁹ <https://www.economist.com/finance-and-economics/2019/12/07/climate-change-has-made-esg-a-force-in-investing>

¹⁰ <https://stories.starbucks.com/stories/sustainability/>

¹¹ <https://reporterbrasil.org.br/2019/05/slave-labor-found-at-second-starbucks-certified-brazilian-coffee-farm/>

Daí o risco efetivo de que tais escores possam não retratar o efetivo envolvimento das empresas nas questões ESG&D ou de que possam até mesmo possibilitar práticas nefastas, como o *greenwashing*. De toda sorte, é inequívoco que a busca por melhor transparência, traduzida em indicadores confiáveis, deve ser uma prioridade, até para estimular a conscientização dos consumidores e o exercício da sua efetiva soberania na aquisição de produtos e serviços de empresas que estejam alinhadas com tais propósitos.

Como se pode observar, os desafios para a ruptura do paradigma da gestão empresarial e para a implementação de propostas como a defendida pelo Manifesto Davos 2020 não é trivial e exigirá uma série de outras medidas, a começar pela readequação dos deveres fiduciários de controladores e administradores de sociedades empresárias.

Para isso, será igualmente fundamental o papel dos códigos de governança corporativa e iniciativas como o recentíssimo *Stewardship Code* do Reino Unido que, datado de 2020, tem como base as diretrizes para a implementação da *stewardship*, conceituada como a responsável alocação, gerência e supervisão do capital a fim de criar valor de longo prazo para clientes e beneficiários levando a benefícios sustentáveis para a economia, o meio ambiente e a sociedade como um todo¹².

Será igualmente decisivo o papel e o engajamento de grandes *players*, de que é exemplo a carta anual que Larry Fink, CEO da gigante Blackrock, dirigiu aos CEOs das companhias investidas, propondo uma remodelagem das finanças com base nos riscos globais das alterações climáticas a fim de que se possa chegar a um capitalismo sustentável e inclusivo¹³. É a partir de iniciativas assim que se tem a expectativa de que a cultura empresarial possa efetivamente se modificar.

Por fim, não pode ser menosprezado o papel das faculdades e escolas de negócio, a fim de que os futuros CEOs possam ter acesso, em seus processos de formação, às novas discussões que se impõem na atual fase. Para isso, certamente que as teorias do *mainstream* econômico terão que ser revisitadas, complementadas ou, conforme o caso, consideradas superadas, a fim

¹² https://www.frc.org.uk/getattachment/5aae591d-d9d3-4cf4-814a-d14e156a1d87/Stewardship-Code_Final2.pdf

¹³ <https://www.blackrock.com/corporate/investor-relations/larry-fink-ceo-letter>

de que se entenda que crescimento e geração de riquezas não podem ser os objetivos únicos da atividade econômica.

A eficácia do Manifesto Davos 2020, assim como de diversas iniciativas anteriores no mesmo sentido, certamente que depende, portanto, de uma série de medidas que criem os incentivos devidos e reconfigurem o ambiente corporativo do ponto de vista institucional, tornando-o adequado para essa nova visão de empresa e de negócios.

Se as dificuldades existem e são muitas, o simples fato de estarmos discutindo tais questões com perspectivas concretas de implementação futura é um importante alento. É bom saber também que, ao contrário do que vem acontecendo no Brasil, tornou-se prioridade na agenda econômica mundial a busca modelo econômico mais inclusivo e que possa endereçar as distorções atuais e dar uma resposta para a insatisfação e o desalento da maioria da população.

Link https://www.jota.info/paywall?redirect_to=//www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/ano-novo-capitalismo-novo-19022020

Publicado em 19/02/2020